

## NEOLIBERALISMO, EDUCAÇÃO E SOFRIMENTO PSÍQUICO NA CONTEMPORANEIDADE

Lucia de Fatima Valente  
Universidade Federal de Uberlândia – Brasil  
valentelucia@yahoo.com.br  
Maria Simone Ferraz Pereira  
Universidade Federal de Uberlândia – Brasil  
msimonefp@gmail.com

*Privatizaram sua vida, seu trabalho,  
sua hora de amar e seu direito de pensar.  
É da empresa privada o seu passo em frente,  
seu pão e seu salário.  
E agora não contente querem  
privatizar o conhecimento,  
a sabedoria,  
o pensamento,  
que só à Humanidade pertence.*

*Bertolt Brecht*

Nos idos da década de 1920, o poeta e dramaturgo alemão Bertolt Brecht já denunciava as mazelas do sistema capitalista de produção e as suas consequências para a humanidade, que em vista de realizar seu intento “coisifica as pessoas e personifica as coisas” (MARX, 2008, p. 218). Atualmente, sob a égide deste mesmo sistema com nova roupagem, vivenciamos o paradoxo das luzes e sombras no contexto da globalização e do neoliberalismo. Neste contexto, as pessoas são governadas por meio do princípio universal da concorrência. Daí a privatização da vida!

O neoliberalismo é uma doutrina política e econômica que se tornou hegemônica no mundo a partir de 1970 que, segundo Dardot e Laval (2016), antes de ser uma ideologia, é uma racionalidade que visa transformar a sociedade e as pessoas, ou seja, não só organiza e estrutura a ação dos governantes, mas principalmente dos governados. Para alcançar esse objetivo, os neoliberais utilizam a escola, uma vez que a consideram um lugar de produzir o “capital humano” que sustentará o sistema produtivo por meio da concorrência. Assim, difundem “valores” que transformam as relações dos indivíduos consigo mesmos e defendem que estes sejam empreendedores de si. A instituição escolar passa, então, a ser considerado um lugar de eficiência, desempenho e rentabilidade, bem como espaço para difusão desses valores.

A avaliação é a principal estratégia que orienta a conduta pelo bom desempenho individual e é, ainda, “uma subjetivação contábil dos avaliados” (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 351). Nessa lógica, os princípios neoliberais da meritocracia, do empreendedorismo, da concorrência e da responsabilização vão “formatar” os/as trabalhadores/as para a cultura do desempenho. Diante desse cenário indaga-se: quais as consequências dessa ideologia para o sofrimento psíquico dos professores/as da educação básica, principalmente em um contexto contraditório e dramático como o Brasil? Pretende-se discutir/refletir nesse trabalho sobre a relação entre a sociedade neoliberal e o sofrimento psíquico, uma vez que esta é marcada pela cultura do desempenho e autoexploração, na medida em que associa, de forma inequívoca, autorrealização e autodestruição. Para tal finalidade será realizada uma pesquisa bibliográfica. Apresenta uma discussão sobre o neoliberalismo, sua origem, lógica e estratégias para a educação; aborda sobre os sofrimentos psíquicos no tempo presente com a “sociedade do cansaço” e suas consequências e discute o sofrimento psíquico dos/as professores/professoras da educação básica no contexto atual.

O neoliberalismo tem sua origem no final da Segunda Guerra Mundial, tem como inspiração o liberalismo clássico, porém de forma desfigurado para se adequar ao desenvolvimento capitalista do século XX. Seus idealizadores criticavam o caráter autoritário do Estado, pois acreditavam que os encargos sociais e ação reguladora desse impediria a realização das liberdades individuais. Assim, apresentava como proposta o afastamento do Estado das atividades econômicas, a realização de reformas para possibilitar a livre competição e circulação de capitais. Chauí (2021, p. 37) define o neoliberalismo como [...] alargamento do espaço privado dos interesses de mercado e encolhimento do espaço público dos direitos.

Dessa forma, a educação como um dos direitos sociais elencados na Constituição Federal de 1988, no contexto neoliberal passa por reformas para se adequar aos princípios do livre mercado. Nessa lógica, para que tenha o efeito esperado, o sistema educacional deve ser controlado pelos empresários e cada escola deve funcionar como uma empresa. Estudantes são considerados “clientes”, “consumidores”, e a qualidade da escola transforma-se em mercadoria. O que prevalece é a soberania do consumidor (FREITAS, 2018, LAVAL, 2019).

A partir dessas estratégias de padronização, pautadas na ideia de eficiência, o mercado passa a atuar em áreas que seriam do Estado. E, assim, a disputa pelo conhecimento, principalmente no nível da educação básica, vem se acirrando cada vez mais no século XXI. Os empresários, por meio de suas fundações, estão assumindo a tarefa de “educar” e colocando em prática o “projeto político - econômico de transformação do direito social em mercadoria na permanente disputa entre projetos de sociedade” (RUMMERT, 2021, p. 11), pois, na lógica neoliberal o mercado é mais eficiente em gerir os problemas econômicos e sociais.

Com a defesa do Estado Mínimo, da meritocracia, empreendedorismo, responsabilização e concorrência, a educação vem sendo planejada e reformada. Tais reformas são inspiradas em experiências de outros países por meio dos movimentos denominados de “Movimento Global da Reforma Educacional”, “Nova Gestão Pública” e “Reforma Empresarial”. Sua principal característica é a retirada da educação do campo do “direito social” e sua inclusão como “serviço”. Ou seja, transforma direitos em serviços privados que podem ser vendidos e comprados no mercado. É nesse contexto que se insere a discussão sobre os impactos dessa ideologia nos adoecimentos psíquicos dos professores e professoras da educação básica no Brasil, pois, em certa medida, esses são responsabilizados, muitas vezes unilateralmente pelo fracasso escolar. Esse fato tem gerado aumento do sofrimento psíquico na classe de profissionais da educação no país.

O alto índice de aumento de registro de doenças vinculadas à atividade laboral a cada ano, assim como as transformações no mundo do trabalho e nas relações sociais de produção, tem instigado os pesquisadores a investigar a relação entre a origem de doenças - físicas, mentais ou psicossomáticas - e a organização do trabalho. Nessa perspectiva, em um estudo de revisão sistemática de literatura a partir de artigos, teses e dissertações nacionais e desenvolvidas durante o período de 2009 a 2018, os pesquisadores Nascimento e Seixas (2018) buscaram identificar os principais sinais e tipos de adoecimento psíquicos apresentados pelos professores das redes de educação básica pública e privada no Brasil. Este estudo revelou que:

Os principais tipos de adoecimentos apontados pelas pesquisas são a depressão, em sete estudos, (28%), a ansiedade, em cinco estudos, (20%), e alto nível de estresse, em cinco estudos (20%) e a síndrome de *burnout*, em quatro estudos, (16%). Dois estudos (8%) se dedicaram a avaliar as dimensões de esgotamento emocional,

despersonalização e desrealização profissional, dimensões da síndrome de *burnout*.[...] Também houve quatro estudos (16%) que apontaram a presença de transtornos mentais, sem dar especificações. Houve um estudo em que foi verificada ideação suicida em professores. (NASCIMENTO E SEIXAS, 2018, p.9 )

Resultado este que coaduna com as reflexões realizadas pelo filósofo sul-coreano Byung-Chul Han em seu livro “A sociedade do cansaço”. No entanto, vale ressaltar que esses tipos de sofrimentos não são exclusivos de nosso tempo atual. O autor evidencia que estamos vivenciando uma época que se configura como “uma violência neuronal” e relaciona o nosso sofrimento com o *modus operandi* do capitalismo contemporâneo. A sociedade atual é caracterizada pelo excesso de positividade. O mote “*Yes, we can*” utilizado pelo ex-presidente dos Estados Unidos Barack Obama evidencia esse fato na sociedade do desempenho. No lugar da coerção, da disciplinarização imposta de fora para dentro, temos a internalização do enunciado “nós podemos”.

Tal incorporação em seu aspecto imanente refere-se a uma falsa ideia de liberdade. Sob esse imperativo, os indivíduos se auto responsabilizam pela realização, mobilização e superação constantes em seus processos de trabalho. Han (2017) focaliza sua análise nesse aspecto da falsa liberdade e no processo destrutivo advindo dessa transformação contemporânea.

Para o filósofo coreano, inversamente ao inconsciente freudiano caracterizado por seus vínculos à repressão e à negatividade, o sujeito neoliberal na sociedade do desempenho é marcado pelo excesso de positividade. Assim, se no paradigma freudiano o sujeito da obediência se submete ao superego, o sujeito do desempenho projeta para si uma forma ideal de existência. Nessa lógica, para alcançar essa utopia, toda energia despendida por meio do excesso de positividade produz nos indivíduos o esgotamento típico dos sofrimentos psíquicos de nossos tempos, que são a síndrome de *burnout* e a depressão.

Assim, faz-se atual a crítica de Bertold Brecht à sociedade capitalista, que, não contente em se apossar do capital, busca privatizar o pensamento e impor ideologias perniciosas às massas. Dessa forma, com a economia neoliberal, as corporações disseminam o mito da meritocracia, com o objetivo de justificar a perda dos direitos sociais e de explorar o sofrimento do trabalhador, extraindo desse indivíduo o máximo

de cansaço e de engajamento, em certa medida, isentando-se de suas responsabilidades com as consequências geradas. Nessa conjuntura, a classe trabalhadora é submetida ao sofrimento – psíquico e físico – em busca da manutenção da vida, como acontece com os/as profissionais da educação.

## REFERENCIAS

CHAUI, Marilena. Democracia e a educação como direito. In. LIMA, Idalice Ribeiro Silva; OLIVEIRA, Régia Cistina (Org). **A demolição da construção democrática da educação no Brasil sombrio**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2021.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

FREITAS, Luiz Carlos de. **A reforma empresarial da educação**: nova direita, velhas ideias. 1 ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2018. 160p.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2ª Edição ampliada – Petrópolis-RJ: Vozes, 2017.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa**: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. São Paulo: Boitempo, 2019.

MARX, K. **Manuscritos econômico -filosóficos**. São Paulo, Boitempo, 2008.

NASCIMENTO, Kelen Braga do; SEIXAS, Carlos Eduardo. O adoecimento do professor da Educação Básica no Brasil: apontamentos da última década de pesquisas. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 36, 22 de setembro de 2020.

RUMMERT, Sonia Maria. In: SOUZA, Camila Azevedo. **Educação básica em disputa**: o jogo dos empresários no mercado mundial do conhecimento no século XXI. Campinas, SP : Mercado de Letras, 2021.